

## Planejando, desenvolvendo e avaliando uma intervenção grupal junto a adolescentes: uma perspectiva sistêmica

### Planning, developing, and evaluating a group intervention with adolescents: a systemic perspective

### Planeando, desarrollando y evaluando una intervención grupal en adolescentes: una perspectiva sistémica

Juliana Kelli Murakami<sup>I</sup>, José Fernando Petrilli Filho<sup>II</sup>, Paulo Celso Prado Telles Filho<sup>III</sup>, Ana Carolina Acorinte<sup>IV</sup>, Anamaria Alves Napoleão<sup>V</sup>

#### RESUMO

O presente estudo objetivou descrever e analisar o planejamento, desenvolvimento e avaliação de uma ação educativa junto a um grupo de adolescentes pobres, sobre sexualidade e prevenção às IST/Aids. Tratou-se de uma pesquisa-ação que teve como referencial teórico-metodológico o Pensamento Sistêmico (PS) e o Grupo Operativo (GO). O estudo foi desenvolvido no período de setembro a outubro de 2006 e teve como local uma Unidade de Saúde da Família (USF) em contexto de pobreza. Participaram do estudo seis adolescentes do sexo feminino com idade entre 12 e 14 anos. Os dados foram coletados por meio de diário de campo e registro manual das falas durante o GO. Planejando, desenvolvendo e avaliando esta ação educativa verificamos a convergência do PS e do GO às questões que permeiam a prevenção das IST/Aids, uma vez que se constituem a partir de uma perspectiva contextual, processual e relacional onde o vínculo e a escuta são valorizados na co-construção de possibilidades para a prevenção das referidas moléstias.

**Palavras chave:** Processos Grupais; Educação em Saúde; Programa de Saúde da Família; Adolescente; Pobreza.

#### ABSTRACT

The aim of the present study is to describe and analyze the planning, development, and evaluation of an educational action with a group of poor adolescents, about sexuality and STI/AIDS prevention. This is an action-research using Systemic Thought (ST) and Operative Group (OG) as the theoretical-methodological framework. The study was performed from September to October 2006 at a Family Health Unit [Unidade de Saúde da

Família] within a context of poverty. Six girls, with ages between 12 and 14 years, participated in the study. Data collection was done by means of a field diary and manual registers of the statements during the Operative Group. By planning, developing, and evaluating this education action it was possible to verify the convergence of ST and OG to issues that permeate STI/AIDS prevention, since they develop from a contextual, procedural, and relational perspective where attachment and listening are values in the co-construction of possibilities for preventing the referred diseases.

**Key words:** Group Processes; Health Education; Family Health Program; Adolescent; Poverty.

#### RESUMEN

El presente estudio tiene como objetivo describir y analizar el planeamiento, desarrollo y evaluación de una acción educativa en un grupo de adolescentes pobres, sobre sexualidad y prevención de las IST/AIDS. Se trata de una investigación-acción que usó

<sup>I</sup> Acadêmica do 8º semestre de graduação em Enfermagem – Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

<sup>II</sup> Enfermeiro. Coordenador de Grupos Operativos – Instituto de Psicologia Social Enrique Pichon-Rivière. Doutorando em Enfermagem Psiquiátrica – EERP/USP. Professor Assistente do Departamento de Enfermagem - UFSCar. Especializando em Prática Sistêmica – Instituto Famíliae. [jfpetrilli@uol.com.br](mailto:jfpetrilli@uol.com.br).

<sup>III</sup> Enfermeiro. Professor Adjunto do Departamento de Enfermagem - Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM).

<sup>IV</sup> Enfermeira. Prefeitura Municipal de São Carlos - Unidade de Saúde da Família. São Carlos/SP

<sup>V</sup> Enfermeira. Professor Adjunto do Departamento de Enfermagem – UFSCar. São Carlos/SP

como referencial teórico-metodológico el Pensamiento Sistémico (PS) y el Grupo Operativo (GO). El estudio fue desarrollado entre septiembre y octubre del 2006. El sitio fue una Unidad de Salud de la Familia (USF) en contexto de pobreza. Participaron del estudio seis adolescentes del sexo femenino con edad entre 12 y 14 años. Los datos fueron colectados por medio de diario de campo y registro manual de los relatos durante el Grupo Operativo. Planeando, desarrollando y evaluando esta acción educativa verificamos la

convergencia del PS y del GO, las cuestiones que permean la prevención de las IST/Aids, dado que se constituyen a partir de una perspectiva contextual, procesal y relacional, donde el vínculo y la escucha son valorizados en la co-construcción de posibilidades para la prevención de las referidas molestias.

**Palabras clave:** Processos de Grupo; Educación en Salud; Programa de Salud de la Familia; Adolescente; Pobreza.

## INTRODUÇÃO

Ao longo dos últimos 20 anos verificamos profundas mudanças no que tange a dinâmica de transmissão do Vírus da Imunodeficiência Adquirida (HIV). Assim, os termos juvenilização, pauperização, heterossexualização e feminização da Aids foram sendo introduzidos no discurso dessa epidemia, na tentativa de acompanhar as mudanças de seus padrões epidemiológicos<sup>(1)</sup>.

A partir da perspectiva das várias epidemias de HIV/Aids que coexistem em um mesmo espaço, acreditamos serem observáveis as variações já descritas como resultantes das profundas desigualdades da sociedade brasileira<sup>(2)</sup>.

Nos últimos anos a literatura vem assinalando para um número crescente dos casos de Aids entre mulheres, sobretudo as de baixo extrato socioeconômico<sup>(3)</sup>, bem como para o fato de adolescentes pobres parecerem mais susceptíveis a comportamentos que favorecem a transmissão das Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST)<sup>(4)</sup>.

Frente ao cenário acima delimitado os conceitos de grupos de risco e comportamentos de risco, ambos marcados pelo estigma e culpabilização para com o doente de Aids<sup>(5)</sup>, vão dando lugar conceito de

vulnerabilidade<sup>(6)</sup> assim demandando novos saberes e práticas na prevenção das IST/Aids, sobretudo entre mulheres-jovens-pobres.

Neste contexto destacamos o trabalho com grupos, o qual vem se tornando uma prática cada vez mais freqüente e valorizada na enfermagem<sup>(7)</sup>.

O grupo serve como estratégia em diversas áreas de atuação do enfermeiro, tais como: educação em saúde, assistência (hospitalar e ambulatorial), pesquisa e formação de profissionais<sup>(8)</sup>.

Sendo assim, dentre as abordagens grupais salientamos o Grupo Operativo (GO) por seu caráter vincular e pela noção de que tanto o co-pensador, como o observador participam e modificam seu campo de observação<sup>(9)</sup>.

Assim, entendemos que a utilização da estrutura grupal possa ser um instrumento de promoção, prevenção e atenção à saúde integral do adolescente<sup>(10)</sup>, uma vez se trata de uma metodologia dialógica e horizontal.

Portanto, o presente estudo objetivou descrever e analisar o planejamento, desenvolvimento e avaliação de uma intervenção grupal sobre sexualidade, e IST/Aids junto a adolescentes do sexo feminino que vivem em contexto de pobreza, de modo a

contribuir nas conversações entre enfermeiros e outros profissionais da saúde sobre a co-construção de possibilidades na prevenção das referidas moléstias.

## REFERENCIAL TEÓRICO

As discussões do final do século XX e início do século XXI culminaram com a crise do paradigma dominante e as discussões acerca de novos paradigmas na ciência.

Um conjunto de propostas filosóficas, teóricas e metodológicas vem sendo conhecido pelo termo Pensamento Sistêmico (PS). O PS apresenta formas alternativas de tratar os objetos em uma investigação, a vida, as práticas sociais e, sobretudo, as implicações do investigador com seu objeto de pesquisa <sup>(11)</sup>.

Assim, o mundo passa a ser pensado e descrito em termo de sistemas, onde o foco está nas relações, não apenas nas relações entre os elementos do sistema, mas também nas relações entre o sistema e aquele que o descreve e trabalha com ele <sup>(12)</sup>.

Apesar de ter suas raízes na Teoria dos Sistemas Gerais (TSG) elaborada pelo biólogo austríaco Ludwing von Bertalanffy a partir de meados da década de 20, o PS não se restringe apenas a uma teoria ou um teórico.

O PS se constitui em um novo paradigma da ciência, o qual vem se estruturando a partir da contribuição de diversos cientistas e epistemólogos que se articulam ao longo do tempo, como: Ilya Prigogine (física), Heinz von Foerster (cibernética), Humberto Maturana e Francisco Varela (biologia), Edgar Morin (sociologia), Henri Atlan (biofísica), entre outros <sup>(12, 13)</sup>.

Nesse contexto, pensar sistemicamente implica em ver e pensar a complexidade do

mundo, e buscar sempre a compreensão dos acontecimentos em relação aos contextos que ocorrem. Também é assumir que o mundo está em 'processo de tornar-se', e que isso nos leva a conviver com situações que não podemos prever e com acontecimentos cuja ocorrência não podemos controlar, mas também é acreditar nos recursos de auto-organização dos sistemas e nas suas possibilidades de mudança e evolução, reconhecendo que não existe realidade objetiva, vamos construindo as realidades à medida que interagimos com o mundo <sup>(12)</sup>.

Portanto no PS, a complexidade, a instabilidade e a intersubjetividade se contrapõem à simplicidade, estabilidade e objetividade do paradigma cartesiano/analítico e conferem novos contornos a prática da pesquisa, a qual passa a ser permeada por uma ação reflexiva contextual, processual e relacional.

O PS possibilita um 'olhar' e uma abordagem que ilumina aquele ponto cego da visão unidimensional, fazendo enxergar as interações; subverte a mente compartimentalizada, buscando fazer as diferenças e as oposições se comunicarem; e finalmente, modifica a prática que só valoriza regularidades e normas, ao contrário apresenta as coisas que permanecem e ressalta 'o que' muda e 'como' as coisas se transformam e se auto-organizam <sup>(11)</sup>.

## METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa, o qual teve na Pesquisa Ação (PA) a sustentação para seu delineamento e desenvolvimento.

O local deste estudo foi uma Unidade de Saúde da família (USF) situada em um município do interior paulista, localizado na região central do Estado de São Paulo. A USF em questão foi inaugurada no de 2000 e localiza-se em um bairro a cerca de 40 minutos da região central, no extremo sul do município. No que concerne às características do território destacamos sua classificação, segundo o Índice Paulista de Vulnerabilidade Social (IPVS), no grupo 06 (Vulnerabilidade Muito Alta).

O IPVS se apresenta como um novo indicador para a avaliação das políticas públicas, uma vez que possibilita uma visão detalhada das condições de vida em municípios do estado de São Paulo, por meio da identificação e localização espacial das áreas que abrigam os segmentos populacionais mais vulneráveis à pobreza. Para tanto o referido índice baseia-se em dois pressupostos: a) compreensão de que as múltiplas dimensões da pobreza precisam ser consideradas (indicadores de renda, escolaridade e ciclo de vida familiar) e b) consideração de que a segregação espacial é um fenômeno presente nos centros urbanos paulistas e que contribui decisivamente para a permanência dos padrões de desigualdade social que os caracteriza <sup>(14)</sup>.

Como sujeitos, participaram 06 adolescentes do sexo feminino, de 12 a 14 anos, pertencentes à área de abrangência da USF supracitada, que foram autorizadas pelos respectivos responsáveis - item contemplado no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE.

Tendo-se em vista a relevância dos aspectos éticos da pesquisa com seres humanos, essa atividade foi iniciada após a

aprovação do Projeto de Pesquisa e do TCLE pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de São Carlos, conforme protocolo n. 130/2006.

A seleção das adolescentes se deu por meio de inscrição junto ao Agente Comunitário de Saúde (ACS) de cada uma das 05 micro-áreas que compõem o território da USF. A divulgação foi feita por meio de cartaz afixado na Unidade convidando adolescentes de 12 a 14 anos, do sexo feminino a se inscreverem no grupo. Visando operacionalizar a atividade foram disponibilizadas 10 vagas para inscrições, sendo distribuídas em 02 micro-área.

A coleta dos dados se deu ao longo de 05 semanas no período de setembro a outubro de 2006.

Como estratégia para coleta e posterior análise do material empírico utilizamos como recurso:

- Diário de campo – onde buscamos descrever o processo de planejamento dos encontros a partir de 4 questões: “Qual o processo de construção da pesquisa-ação? (seleção do local, contatos com serviço, seleção das adolescentes)”, “Como foram selecionados os temas abordados e o objetivo dos encontros?”, “Como foi organizado cada encontro? (tempo, materiais, estratégia)” e “Quais dinâmicas foram utilizadas? (disparador temático)”; e
- Registro manual do GO (o qual teve duração de 85 a 120 minutos) que visou retratar o desenvolvimento do encontro (tempo, número de

integrantes – adolescentes, co-pensador, observador, temas abordados e enquadre). A avaliação consistiu de uma análise em profundidade das falas/afetos/ações que emergiram durante o GO, para tanto lançamos mão da produção de crônicas - textos elaborados a partir do GO, tendo como pano de fundo os 07 vetores do Cone Invertido<sup>(10,15)</sup>, porém no presente artigo optamos por apresentar apenas os vetores de Afiliação, Cooperação e Aprendizagem, uma vez que entendemos esses como os mais significativos ao longo do processo grupal.

Posteriormente a coleta do material empírico o mesmo foi organizado em três categorias - Planejando, Desenvolvendo e Avaliando – as quais foram descritas e analisadas a partir da interlocução com a literatura.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

As categorias que serão apresentadas não se constituíram em espaços compartimentalizados na intervenção grupal, uma vez que se articularam e permearam todo o processo, porém entendemos que esta forma de apresentação se mostra coesa ao objetivo do estudo e possibilita um melhor entendimento acerca do caráter processual da ação.

A escolha pelas categorias no gerúndio se justifica por entendermos que a instabilidade é um dos pressupostos do PS, e da idéia de que a ação, 'está em processo de tornar-se', permeada por crises, flutuações e saltos

qualitativos ou ampliações, assim nos remetendo a recursividade do processo.

### Planejando

Visando operacionalizar a categoria em voga, buscamos primeiramente selecionar uma USF em área de vulnerabilidade social, para tanto identificamos o IPVS das mesmas por meio do levantamento do código censitário (o qual pode ser obtido a partir do endereço completo do local que se deseja consultar), e do cruzamento com uma das planilhas que compõe o relatório do referido índice. Assim foi identificada uma única USF em área de muito alta vulnerabilidade (grupo 6).

Posteriormente à seleção do provável local de estudo, contatamos pessoalmente a enfermeira responsável pela USF em questão para apresentação do projeto e esclarecimento de possíveis dúvidas. Após o aceite da mesma, a proposta foi apresentada à equipe da Unidade de modo a envolvê-los, bem como viabilizar a divulgação e as inscrições das adolescentes do território junto ao então projeto.

Nesse sentido, pontuamos um compromisso entre pesquisadores e trabalhadores de um serviço de saúde, uma vez que buscamos a articulação da teoria e da prática, dos pesquisadores e da equipe da USF de modo a fomentar mecanismos de retroalimentação que possibilitaram construções sistêmicas e circulares, e não simétricas e lineares.

No que tange a seleção dos temas que foram discutidos, destacamos que os mesmos foram construídos semanalmente a partir do GO, assim assumimos uma postura congruente ao PS. Ao invés de especialistas em conteúdos

ou estratégias para a solução de problemas atuamos como *experts* na construção de contextos de autonomia<sup>(12)</sup>.

A partir da seleção dos temas abordados nos encontros, estabelecemos os objetivos que guiaram cada intervenção grupal com vistas a subsidiar e intermediar transformações junto ao grupo. Nesse contexto buscamos incluir as adolescentes por meio da valorização de suas vivências, com vistas à promoção da reflexão crítica, do estímulo à criatividade e iniciativa<sup>(16)</sup>.

O tempo planejado para cada encontro foi de duas horas, sendo 30 minutos para uma dinâmica de grupo (que seria utilizada como disparador temático para o GO) e 1 hora e 30 minutos para o GO. Posteriormente, tal tempo foi validado pelas adolescentes como sendo adequado, assim buscamos 'dar voz' às mesmas, uma vez que entendemos que o protagonismo deve permear todas as etapas de uma ação educativa.

A duração do grupo, sua periodicidade e o tempo de cada seção devem ser estabelecidos, a priori, pelo co-pensador e observador do GO, competindo aos mesmos manter esses limites, dentro dos quais o grupo deve operar<sup>(10)</sup>.

Os recursos materiais utilizados durante a ação educativa foram previamente planejados, assim buscamos primeiramente reconhecer o espaço físico disponibilizado pela USF, para o dimensionamento das técnicas (dinâmica de grupo e GO) utilizadas, outro aspecto que consideramos foi a seleção de insumos de papelaria, como: cartolina, canetas *hidrocolor*, tesoura, revistas usadas, uma vez que objetivávamos a valorização de aspectos criativos do grupo, onde as adolescentes

deveriam ser incentivadas a explorar/descobrir seu potencial.

No que concerne às dinâmicas utilizadas como disparador temático para o GO, buscamos junto a literatura especializada<sup>(16,17)</sup> 'dinâmicas de grupo' consagradas no trabalho com adolescentes.

Criador da expressão 'dinâmica de grupo', Kurt Lewin, inspira fortemente a vertente sociológica do movimento grupalista<sup>(16,18)</sup>. A teoria do autor parte do pressuposto básico de que 'o homem está no grupo' e também é considerada como um conjunto de técnicas utilizadas em programas de treinamento pessoal, que visam a pesquisa sobre a natureza dos grupos, as leis de seu desenvolvimento, a inter-relação entre os indivíduos e o grupo, entre outros grupos e instituições, entre outras utilizações<sup>(16)</sup>.

Assim, desenvolvemos um processo de teorização a partir da prática, não em substituição ao conteúdo teórico, mas como um processo sistemático, ordenado, progressivo, no ritmo das participantes, permitindo que essas descobrissem os elementos teóricos através das técnicas, para que posteriormente pudessem aprofundar gradativamente conforme o avançar do grupo<sup>(17)</sup>.

## **Desenvolvendo**

Do total de 10 adolescentes inscritas junto ao projeto, compareceram apenas 06, sendo que uma desistiu após o primeiro encontro. Assim contamos com um quantitativo flutuante de 3 a 5 adolescentes em cada um dos encontros posteriores.

Visando minimizar atrasos e esquecimentos por parte das adolescentes,

elaboramos filipetas nas quais constavam: nome do projeto, data, horário e local dos 05 encontros.

Os profissionais e técnicos que trabalham junto a adolescentes são unânimes em apontar a dificuldade de agendamento com sua clientela, causando-lhes frustração, mal-estar e mesmo irritação, porém na adolescência, ainda experimenta-se integrar a dimensão cronológica de tempo e isso também é um processo, uma aprendizagem <sup>(10)</sup>.

Pensando a partir do pressuposto da instabilidade, e do 'processo do tornar-se', o quantitativo flutuante do grupo, nos fez conviver com a imprevisibilidade e incontrolabilidade, mas também nos convidou a refletir sobre os processos de auto-organização, uma vez que cada nova configuração – crise - possibilitou saltos qualitativos para o grupo, onde era necessário buscar de forma cooperativa, novas formas de pensar e agir.

A partir de tal perspectiva nos sentíamos convidados a rever os papéis que aprendemos a ter, num mundo pensado como um "relógio", para incluir uma convivência como "nuvens", sempre abertas a novas configurações <sup>(13)</sup>.

Durante os encontros foram abordados temas como: o corpo feminino, sexualidade, dificuldade em falar (vergonha), confiança/trabalho em equipe, sexo seguro, para tanto lançamos mão de metodologias participativas.

Metodologias participativas são aquelas que permitem a atuação efetiva dos participantes no processo educativo, sem considerá-los simples receptores. Assim, valorizamos o conhecimento e as experiências das adolescentes, envolvendo-as em

discussões, identificação e busca de soluções para problemas que emergem de suas vidas cotidianas <sup>(16)</sup>.

Outra técnica empregada no processo educativo foi o GO, o qual busca captar no aqui-agora-comigo <sup>(15)</sup>, experiências, afetos e conhecimentos, através dos quais os integrantes atuam no nível grupal, tendo como foco desenvolvimento de uma tarefa, a qual consiste em organizar os processos de pensamento, comunicação e ação no grupo.

O GO foi desenvolvido por Enrique Pichon-Rivière, em meados da década de 40 a partir da Teoria Psicanalítica e da Teoria dos Grupos, porém o autor foi além da visão eminentemente intrapsíquica da psicanálise para situar o homem no contexto de suas relações interpessoais <sup>(9)</sup>.

O GO constitui-se em um instrumento eficiente por se tratar de uma didática horizontal, onde os indivíduos tornam-se agentes ativos, responsáveis e engajados no processo de mudança, uma vez que podem apropriar-se de informações técnicas e científicas, adequando-as à sua realidade <sup>(10)</sup>.

Assim, dentro de uma perspectiva sistêmica temos o entendimento de que não são os especialistas que necessariamente detêm as melhores soluções para os problemas enfrentados por determinados grupos, de modo a demandar a criação de contextos de co-participação e de co-responsabilização na a co-construção de possibilidade.

O espaço grupal possibilitou aos envolvidos a ampliação de seus olhares sobre os 'problemas' e 'soluções', numa perspectiva de sistema terapêutico, onde o rompimento com modelos cristalizados e pautas

estereotipadas se deu por meio de espaços conversacionais.

A presença de um co-pensador e um observador foi garantida em cada um dos encontros - destacamos também a participação da enfermeira da USF em 02 encontros (observadora) - uma vez que se constituem em papéis prescritos em um GO.

A escolha pela expressão co-pensador <sup>(15)</sup> em substituição a coordenador <sup>(15)</sup>, se deu uma vez a primeira, ao nosso ver, se mostra convergente as idéias do PS, no qual não cabe uma postura instrutiva e verticalizada e sim uma postura dialógica e horizontal onde se pensa e integra junto ao grupo.

O papel do observador, apesar de silente, se mostrou significativo para o processo grupal, seu 'distanciamento', ou 'distância ótima' possibilitou mais um olhar acerca do movimento do grupo. Sua função foi a de registrar manualmente as comunicações (verbais e gestuais) dos integrantes e do co-pensador, bem como seus próprios sentimentos, tais registros foram posteriormente analisados na construção das crônicas.

Destacamos ainda o estabelecimento de um setting ou enquadre grupal junto as adolescentes com vistas a 'organizar' e 'normatizar' o processo do aprender a aprender, onde as regras são co-construídas a partir de espaços conversacionais.

O enquadre é conceituado como a soma de procedimentos que organizam, normatizam e possibilitam o processo terapêutico, assim se constituindo de uma conjunção de regras, atitudes e combinações, ou seja, 'as regras do jogo', mas não o jogo propriamente dito <sup>(18)</sup>.

## **Avaliando**

O GO é um eficaz instrumento da psicologia social no sentido da aprendizagem e mudança, porém compreender e avaliar a operatividade de um grupo é algo complexo, por seu caráter subjetivo <sup>(10)</sup>.

Nesse contexto a utilização dos vetores - Afiliação, Pertença, Cooperação, Pertinência, Comunicação, Aprendizagem e Tele - do Cone Invertido tem se mostrado como uma possibilidade para avaliar o processo grupal <sup>(10)</sup>.

Porém, destacamos na perspectiva sistêmica a objetividade só existente entre parênteses, portanto é impossível separar o observador daquilo que é observado, ou seja, a idéia de um mundo a ser descoberto dá lugar à emergência de um mundo a ser co-construído por meio da linguagem e das conversações.

Assim, entendemos que ao trabalhar a partir de uma perspectiva de sistemas auto-organizadores, questionamos as realidades pré-concebidas, uma vez que desde a conceituação da autonomia dos sistemas auto-organizadores, a ciência vem revelando as propriedades emergentes do observador e não da 'realidade' <sup>(19)</sup>.

Nesta perspectiva entendemos que todo conhecer é uma ação que parte daquele que conhece e depende da estrutura daquele que conhece, ou seja, toda entidade viva somente pode perceber, responder, pensar, acreditar e agir de acordo com os limites de sua estrutura, onde o mundo em que vivemos não é um mundo das coisas externas, e sim um mundo que surge na dinâmica da nossa experiência nas relações <sup>(20)</sup>.

A partir de tal perspectiva buscamos descrever e explorar nossa perspectiva acerca

do processo grupal tendo nos vetores do Cone Invertido um convite para nosso olhar, assim conferindo à descrição e análise dos dados empíricos contornos de uma 'realidade' local, contextual e negociada.

Conversar sobre sexualidade nos pareceu algo novo para as integrantes do grupo, uma vez que emergiram as seguintes falas:

*nunca eu tinha pensado no corpo por dentro (J.GO2),*

*estranho (M.GO2),*

*não sabia (Ra.GO2),*

*difícil, não tinha idéia (R.GO2),*

*nunca tinha visto, só por ultra-som (R.GO2).*

Em meio ao tom de voz baixo, cabeça abaixada, silêncios frequentes, meneios de cabeça e risadas tímidas, pensamos como essa vivência é nova para o grupo, inclusive a própria idéia de ser protagonista no aprender em grupo. Assim, surgem momentos de silêncio que nos pareceram assinalar um certo distanciamento entre as integrantes e a tarefa.

O vetor Afiliação é um primeiro grau de identificação que os integrantes têm com a tarefa e com os demais membros, ou seja, ainda há um certo distanciamento, não se envolvendo de 'corpo inteiro' <sup>(10)</sup>.

O processo de Afiliação a tarefa e ao grupo não é como um processo linear e sim circular, sendo em alguns momentos retroativo e, em outros, recursivo, como nos fez pensar as seguintes falas:

*não queria falar, senão ia espalhar. Agente jura que não conta, mas agente tem medo...*

*dá medo, já pensou? Todo mundo fica sabendo (J.GO3),*

*...e se chegar em casa? (J.GO3)*

O medo de se expor e com isso assumir uma posição de vulnerabilidade frente aos demais, foi um processo com o qual tivemos que conviver e buscar soluções junto ao grupo durante todo o processo, uma vez tal sentimento foi verbalizado em diversos momentos, onde sempre buscamos descrevê-los no grupo a partir do verbo 'estar', sem com isso rotular ou gerar uma 'paralisia' daquele que verbalizou.

Ao pensarmos sistemicamente, uma regra é não usar o verbo 'ser', pois mudando nossa forma de falar, muda a 'realidade' que se constitui, que fazemos emergir, uma vez que ao 'estar' pode vir a 'não estar' <sup>(12)</sup>.

Nessa perspectiva entendemos que possibilitamos espaços conversacionais que viabilizaram a mudança de uma situação dilemática para uma dialética, onde todos são co-autores ainda que silentes.

A Cooperação corresponde a uma contribuição ainda que silenciosa à tarefa, a qual pode culminar com a articulação, e complementação das colocações uns dos outros, do compartilhar vivências, e da escuta do outro, possibilitando a exposição de convergências e divergências <sup>(10)</sup>.

O reconhecimento da vergonha/medo de falar como um sentimento que *atrapalha (M.GO2)*, possibilitou a busca do grupo por soluções frente a problemática levantada de modo a possibilitar a sugestão de algumas soluções para o seu enfrentamento, são elas: *falar mais (R.GO2), uma ajuda a outra (J.GO2).*

Percebemos aqui um significativo movimento do grupo em direção à superação de uma situação dilemática para uma situação

dialética, ou seja, de meros expectadores a protagonistas, onde os papéis se complementaram. A emergência do vetor de cooperação possibilitou que as adolescentes identificassem o grupo como espaço continente onde se pode falar e ser ouvido e, portanto repercutindo em uma aprendizagem.

O vetor Aprendizagem pode ser entendido como a capacidade do grupo de superar obstáculos, e implica em criatividade, elaboração de ansiedades e adaptação ativa à 'realidade', onde o grupo consegue perceber suas mudanças <sup>(10)</sup>.

*Se não tivesse vindo na semana passada, não ia saber, mas agora eu sei (M.GO3), cada um fez um pouco, o que sabia, tinha gente mais adiantada, e fez o que sabia, e aí explicou pra gente melhor (J.GO3).*

Na aprendizagem as experiências/informações que cada uma trouxe pode encontrar sinergia no grupo e assim promover saltos qualitativos.

*...A gente não pensa igual (M.GO3), ... pra eles é fácil e pra gente não (M.GO3).*

Em um processo que nos lembra uma espiral ascendente o grupo a partir das contribuições de cada integrante, co-pensar e observador possibilitou ao nosso ver a complementaridade de papéis numa interação transformadora.

*A gente se ajudou (M.GO5), tiramos dúvidas uma com a outra... (J.GO5), cada um com um pouco, e vira muito (J.GO5).*

Nesse contexto, a contribuição de cada um possibilitou a co-construção de outras narrativas que ao invés de falarem apenas do

*não sabe*, possibilitaram a descoberta daquilo que se *sabe* e do que se pode *vir a saber*, tendo nos pressupostos da complexidade, instabilidade e intersubjetividade um novo otimismo para aqueles que trabalham em grupos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Planejando, desenvolvendo e avaliando esta ação educativa verificamos a convergência do PS e do GO em relação às questões que permeiam a vulnerabilidade às IST/Aids, tendo-se em vista que essas se constituem, a nosso ver, a partir de uma perspectiva contextual, processual e relacional onde o vínculo e a escuta são valorizados na co-construção de possibilidades.

Por meio da descrição e análise do planejamento, desenvolvimento e avaliação, foi possível identificar o processo de articulação entre o pensar, o sentir e o agir com vistas a um adolescer saudável no que concerne à sexualidade e prevenção das referidas moléstias.

A co-construção de uma intervenção grupal alicerçada a partir de um referencial teórico-metodológico possibilitou a emergência do grupo como espaço de promoção da cidadania, o qual proporcionou a capacidade de questionar, discutir e propor ações para o enfrentamento da epidemia.

Assim, destacamos:

- O GO como instrumento de pesquisa-ação, uma vez que possibilitou a partir da intervenção a produção e a sistematização de dados para análise.
- O PS como epistemologia que nos convidou a um olhar

complexo/relacional, instável e intersubjetivo do mundo e do processo grupal, assim nos oferecendo um novo otimismo no trabalho com grupos, uma vez que viabilizou a superação de modelos meramente instrutivos e focados na doença, para uma prática inovadora, contextualizada e empoderadora.

- O reconhecimento por parte das adolescentes de seu papel como agentes de mudança e percussoras de seu desenvolvimento, explorando e ressaltando suas potencialidades, uma vez que à medida que fazem, sabem, ensinam e aprendem, as adolescentes assumem seu papel de protagonistas no 'aqui-agora-comigo' e em suas vidas.

Ao final dessas considerações não podemos deixar de assinalar que na medida em que nos propusemos a romper com preconceitos e a possibilitar um espaço de co-construção por meio questionamento e reflexão, saímos do domínio do discurso que fala do limite, da falta, para um discurso acerca das possibilidades e dos potenciais.

## REFERÊNCIAS

1. Santos NJS, et al. A aids no Estado de São Paulo: as mudanças no perfil da epidemia e perspectivas da vigilância epidemiológica. Rev. bras. epidemiol. 2002 dez; 5 (3):286-310.
2. Parker R, Camargo Júnior KR. Pobreza e HIV/AIDS: aspectos antropológicos e sociológicos. 2000; Cad. Saúde Pública 16 (Sup. 1):89-102.
3. Unaid. AIDS epidemic update: special report on HIV/AIDS. Geneva: United Nations Program on HIV/AIDS (UNAIDS) and World Health Organization (WHO); 2006.
4. Silva PDB, et al. Comportamentos de risco para as doenças sexualmente transmissíveis em adolescentes escolares de baixa renda. Revista Eletrônica de Enfermagem [serial on line] 2005 [cited 2006 dec 10]; 7 (2):185-9. Available from: URL: [http://www.fen.ufg.br/revista/revista7\\_2/original\\_06.htm](http://www.fen.ufg.br/revista/revista7_2/original_06.htm)
5. Seffner F. O conceito de vulnerabilidade: uma ferramenta útil em seu consultório. [cited 2006 dec 10]. Available from: URL: [http://www.aids.gov.br/final/dh/afroatitude/vulnerabilidade\\_protagonismo/vulnerabilidade.rtf](http://www.aids.gov.br/final/dh/afroatitude/vulnerabilidade_protagonismo/vulnerabilidade.rtf).
6. Ayres JRCM, França Júnior I, Calazans GJ, Saletti Filho HC. O conceito de vulnerabilidade e as práticas de saúde: novas perspectivas e desafios. In: Czeresnia D, Freitas CM, organizadores. Promoção da saúde: conceitos, reflexões, tendências. Rio de Janeiro (RJ): Fiocruz; 2003, p.117-39.
7. Mota KAMB, Munari DB. Um olhar para a dinâmica do coordenador de grupos. Revista Eletrônica de Enfermagem [serial on line] 2006 [cited 2007 jan 10]; 8 (1):150-61. Available from: URL: [http://www.fen.ufg.br/revista/revista8\\_1/atualizacao.htm](http://www.fen.ufg.br/revista/revista8_1/atualizacao.htm)
8. Godoy MTH, Munari DB. Análise da produção científica sobre a utilização de atividades grupais no trabalho do enfermeiro no Brasil: 1980 a 2003. Rev. Latino-am Enfermagem, 2006; 14 (5): 786-802.
9. Osório LC. Grupoterapias: abordagens atuais. Porto Alegre: Artmed, 2007.
10. Abduch C. Grupos Operativos com adolescentes. In: Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Área de Saúde do Adolescente e do Jovem. Cadernos, juventude saúde e desenvolvimento, Brasília: Ministério da Saúde/Secretaria de Políticas de Saúde, 1999, p. 289-300.
11. Minayo MCS. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 9. ed. revista e aprimorada, São Paulo: Hucitec, 2006.
12. Esteves VMJ. Epistemologia sistêmica: pensamento sistêmico-novo paradigmático. In Aun JG, Esteves VMJ, Coelho SV. Atendimento sistêmico de famílias e redes sociais – fundamentos teóricos e epistemológicos. v.1. Belo Horizonte: Oficina de Arte & Prosa; 2005, p.71-142.
13. Esteves de Vasconcelos MJ. Pensamento sistêmico: o novo paradigma da ciência. 4.ed. Campinas: Papyrus; 2005.
14. SEADE. Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados. Índice Paulista de Vulnerabilidade Social. [on line]. [cited 2006 jul 30]. Available from: URL: <http://www.seade.gov.br/produtos/ipvs/apresentacao.php>

15. Pichon-Rivière E. O processo grupal. Trad. de Marco Aurélio Fernandes Velosso. São Paulo: Martins Fontes; 1983.
16. ABEn. Associação Brasileira de Enfermagem. Adolescer: compreender, atuar, acolher: Projeto Acolher/Associação Brasileira de Enfermagem. Brasília: ABEn; 2001.
17. Brasil. Ministério da Saúde. Manual do multiplicador: adolescente / Coordenação Nacional de Doenças Sexualmente Transmissíveis e Aids. Brasília: Ministério da Saúde; 1997.
18. Zimerman DE, Osorio LC. Como trabalhamos com grupos. Porto Alegre: Artmed; 1997.
19. Rapizo R. Terapia sistêmica de família: da instrução à construção. 2. ed. Rio de Janeiro: NOOS; 2002.
20. Maturana RH, Varela GF. A árvore do conhecimento: as bases biológicas do entendimento humano. Campinas: Editorial Psy II, 1995

*Artigo recebido em 13.12.06*

*Aprovado para publicação em 10.12.07*